

Enaex — Carta ao Presidente Sarney

15 SET 1988

● GLOBO

CARLOS TAVARES DE OLIVEIRA

No momento em que os exportadores brasileiros se reúnem no Rio, no IX Encontro Nacional de Comércio Exterior (Enaex), parece oportuno levar a V. Exa. alguns comentários sobre essa atividade, da qual tanto depende a economia do País.

Passados três anos de Governo, é fácil distinguir agora o setor exportador como o que melhores resultados vem apresentando, mesmo considerando as auspiciosas safras colhidas na agricultura.

Notadamente este ano, as exportações mensais vêm batendo sucessivos recordes e as projeções para o fim do exercício indicam que será atingida a marca de US\$ 31 bilhões, cerca de 15% acima do nível máximo registrado até agora, obtido em 1984. É de se lamentar, apenas, que a expressiva taxa de crescimento das exportações, em torno de 20%, não seja estendida às importações. Se isso ocorresse, teríamos o razoável resultado de US\$ 18 bilhões para as compras externas e o conseqüente — mais do que suficiente — superávit de US\$ 13 bilhões na balança comercial, e não os excessivos US\$ 15 bilhões previstos.

Em 1980/1 as importações brasileiras giraram em torno de US\$ 22 bilhões, o que correspondia a cerca de 6% do Produto Bruto, fora as compras de petróleo. Sete anos depois, com PNB estimado em US\$ 272 bi-

lhões (10º no ranking mundial), a participação das importações caiu para apenas 3,9%, também sem o petróleo, considerado um dos mais baixos índices mundiais. Este ano, pelo ritmo observado até agora, a situação pouco se modificará.

As importações são necessárias, não só para ser cumprida a contrapartida das exportações, conforme milenar norma do comércio internacional, como, também, para atender à expansão e renovação do parque industrial brasileiro.

Com os resultados esperados para este ano, voltará ao Brasil a colocar no exterior mais de 10% de seu PNB. Contudo, em níveis internacionais, se o total absoluto ainda pouco representa — um punhado de países do Terceiro Mundo, este ano, exportará mais de US\$ 30 bilhões —, o índice com referência ao PNB continua irrisório. Os festejados 10% são muito inferiores às médias de exportação/PNB registradas não só na América Latina (cuja média é 16%) como nas demais áreas geográfico-econômicas. Na Ásia e na Europa esses índices de exportação, em vários países, são três, quatro e até cinco vezes superiores ao agora alcançado pelo Brasil.

Os exportadores de todos os cantos da Nação estão hoje se reunindo não apenas para troca de idéias mas, basicamente, para selecionarem suges-

tões e reivindicações necessárias ao estabelecimento de uma política nacional de sentido expansionista para o setor. Na realidade, além de nunca se ter fixado uma política firme para a exportação, os empresários jamais tiveram atendidas integralmente as suas justas reivindicações. Embora pareça inverossímil, esse fato pode ser comprovado pelo simples balanço das solicitações dos exportadores apresentados nos Encontros anteriores.

No último Enaex, realizado em 1986, o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Ingo Zadrozny, em seu discurso em nome da classe, afirmava não pleitear nenhum favorecimento especial mas, apenas, "as mesmas condições que estão à disposição dos concorrentes externos".

Na realidade, passados 16 anos do I Enaex, permanecem praticamente inatendidas as quatro singelas aspirações básicas que dariam aos exportadores patricios condições de igualdade com seus competidores no mercado externo, a saber: a) financiamentos a custos internacionais, em volumes adequados; b) isenção de todos os impostos e taxas, diretos e indiretos, ainda remanescentes; c) ampliação e simplificação do sistema draw-back; e d) importação, sem barreiras, de máquinas para reequipamento e expansão do parque in-

dustrial voltado para a exportação.

V. Exa., em memorável discurso de abril do ano passado, quando da reinstalação do Concec, com absoluta propriedade, reconheceu: "Não podemos crescer nem aumentar nossas taxas de desenvolvimento sem aumentar nossas exportações, para podermos importar". Mais adiante, ao admitir que o Brasil havia caído para o 18º e 27º lugares, respectivamente, entre os países exportadores e importadores, V. Exa. já prometia uma "política comercial estável que atribui prioridade e dá apoio à exportação". Decorrido mais de um ano, dispõe agora o Governo de competente equipe, apta a executar fielmente aquela sábia diretriz. Com efeito, Mailson da Nóbrega, na Fazenda; Mário Berard, no Banco do Brasil; Elmo Camões, no Banco Central; e Namir Salek, na Cacex, são técnicos de reconhecida capacidade, plenamente cientes da importância da exportação para a economia brasileira.

A oportunidade, portanto, é excelente para V. Exa., nesse período que lhe falta, dotar o Brasil das condições indispensáveis para participar condignamente do comércio mundial e tirar melhor proveito das vantagens oferecidas.

CARLOS TAVARES DE OLIVEIRA é Consultor de Comércio Exterior da Confederação Nacional do Comércio.